

## **COZINHA CIDADÃ: HORTAS COMO TECNOLOGIA SOCIAL EM TEMPOS DE COVID 19**

ISSN Eletrônico 2236-5842

Vol. 15 | N° 12

Jul-Dez | 2023

### **Resumo**

Este artigo resulta de um projeto de extensão associado a uma pesquisa sobre a organização de hortas em um município turístico do litoral de Santa Catarina com cerca de 22 mil habitantes. Contudo, com a COVID-19, o município, passou a não ter turistas e como consequência ocorreu desemprego e aumento das vulnerabilidades sociais e econômicas. Considerando esse contexto, nasceu a proposta de extensão “Cozinha Cidadã” cujo objetivo era “desenvolver com famílias em situação de vulnerabilidade, estudos coletivos para implantação de hortas e oficinas culinárias e terapêuticas”. Para organização desta empreitada o projeto “Cozinha Cidadã” realizou ações na modalidade virtual (70%) e presencial assistida (30%), seguindo as premissas da metodologia comunicativa-crítica. Com dados de pesquisa coletados por uma mestranda, bolsistas e voluntários (as) do bairro mais vulnerável, se fez um diagnóstico dos problemas locais agravados pela pandemia. Com estas informações realizaram-se oficinas, rodas de conversas e seminários virtuais sobre cultivos de hortas orgânicas como fonte de alimentos, remédios e negócios. De forma presencial seguindo os protocolos de segurança estipulados pelo Ministério da Saúde, foi possível iniciar de forma gradativa o cultivo de hortas em bairros com histórico de vulnerabilidade econômica. Os resultados indicam aprendizagem sobre os alimentos que se pode obter pelo cultivo social em terrenos privados ou públicos, a organização de cozinhas solidárias para o ensino do uso e preparo de vegetais e frutos em pratos nutritivos e saudáveis, bem como propostas de empreendimentos de restauração com foco nas práticas culinárias e terapêuticas aprendidas.

**Palavras-Chaves:** Cultura Alimentar. Famílias. Horticultura. Tecnologia Sociaeducacional.

**Yolanda Flores e Silva** (Autora)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)

**Angelica Garcia Couto** (Autora)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)

**Sabrina André Rosa** (Autora)

Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)

Submetido em JUN/2023

Aceito em AGO/2023

Revisado em SET/2023

Publicado em OUT/2023

## INTRODUÇÃO

Este artigo traz os resultados de uma proposta de extensão, cujas ações aconteceram em um museu de base comunitária que se coloca na categoria de Ecomuseu no litoral de Santa Catarina. Nesse espaço são constantes os debates e investigações sobre os ‘saberes’ e ‘fazeres’ alimentares de origem luso-açoriana e a sua relação com uma modalidade de turismo de viés cultural e experiência comunitária (SILVA *et al.*, 2017; CRUZ, 2014).

Contudo, com a pandemia em 2020, o município, que tem no turismo uma das bases econômicas fortes, passou a não ter visitantes e como consequência ocorreu desemprego maciço nas áreas da restauração e hospedagem, levando muitas famílias a um patamar de fome, aumento da pobreza e outras vulnerabilidades sociais e econômicas. Por conta deste momento, a gestora do Museu Comunitário Engenho do Sertão e a coordenação da Fundação de Cultura do município, solicitaram aos investigadores de uma universidade comunitária, a elaboração de uma proposta de extensão universitária que pudesse de imediato incentivar as pessoas a retomar hortas familiares em seus quintais e /ou planejar novas hortas em terrenos públicos e privados autorizados para a realização de cultivos culinários, aromáticos e terapêuticos.

Nesse sentido, a partir dessa demanda, foi criada a proposta de extensão denominada de ‘Cozinha Cidadã’ (CC), com a realização de oficinas e outras dinâmicas de modo a iniciar o cultivo de várias hortas com famílias que tivessem lideranças femininas (que atuavam antes da pandemia com turismo e restauração), a fim de diminuir a fome através da orientação de cultivos de plantas voltados inicialmente a preparos culinários. Ao mesmo tempo que se orientavam os cultivos, se trabalhou também com as emoções das pessoas, tentando diminuir as agressividades intrafamiliares e o desespero de quem está sem emprego e recursos em função do isolamento social. Nesse sentido, o ‘Cozinha Cidadã’ teve suas ações voltadas ao que Oliveira, Calvo e Castro (2018) consideram como o principal objetivo de um trabalho com hortas: melhorar a socialização e a qualidade de vida das pessoas.

Para tornar possível a realização de um trabalho como esse, é importante destacar que esta proposta foi articulada com professores e alunos voluntários que atuam em uma universidade privada comunitária. Dessa forma, nas ações virtuais e também nas presenciais, alunos da graduação e pós-graduação, organizaram com a coordenadora da proposta de extensão a logística operacional para as formações e depois para os cultivos. No caso do mestrado, a proposta de extensão foi articulada com uma proposta de pesquisa e uma disciplina, “Antropologia das Práticas Comunitárias” e alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030

das Nações Unidas (ONU/BRASIL, 2015).

Considerando o contexto descrito, o objetivo geral que norteou todas as ações foi o de “desenvolver com famílias em situação de vulnerabilidade, estudos coletivos para implantação de hortas e oficinas culinárias e terapêuticas”. O percurso metodológico foi participativo e dialógico, numa perspectiva crítica.

## CONTEXTO TEÓRICO QUE EMBASA ESTA PROPOSTA

### A - Fome e agravos socioemocionais em tempos de pandemia

As modificações no estilo de vida das pessoas refletem – se em diversas mudanças, tais como: as mudanças alimentares com baixo consumo de frutas e hortaliças, redução da atividade física e tempo destinado ao lazer, proporcionando o aumento de incidência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) e com isto elevando a morbidade e mortalidade. Esse contexto parece ter se acentuado neste momento de isolamento social em função da pandemia relacionada a COVID-19. Muitas famílias ficaram desestruturadas financeiramente e algumas sem conseguir sequer alimentar com qualidade as crianças, adultos, jovens e idosos de suas famílias, bem como vizinhos. A pandemia alterou os hábitos de todos e para as famílias onde as limitações já eram grandes, estas se agravaram. Durante o ciclo crítico da pandemia, todos os dias a mídia veiculou uma rede discursiva de práticas que visavam a disciplinarização dos corpos e mentes através do saber especializado. As temáticas eram sempre: se isole, não saia, fique em casa etc. Contudo a dinâmica da relação do coronavírus e os seres humanos alcançou as estruturas sociais, econômicas e políticas, trazendo um déficit estrutural na vida de todos os envolvidos, das pessoas em suas famílias aos profissionais da saúde que atuaram em uma linha direta com a COVID – 19 (AZAMBUJA, 2020).

Lidar com esse contexto foi um grande desafio. Fome associada aos agravos socioemocionais aumentaram a possibilidade de violências extremas nas famílias, bem como das pessoas atentarem contra as suas próprias vidas ou simplesmente restringir o cuidado e o autocuidado ao máximo no seio do lar isolado. Mulheres, idosos, crianças e adolescentes foram os mais atingidos com o isolamento e a falta de recursos e contatos, aumentando os problemas de saúde, violências e mortes como consequência (DULIUS, SUDBRACK, SILVEIRA, 2021).

Nesse sentido, a pandemia da COVID-19 tornou evidente a necessidade de se compreender melhor os aspectos psicossociais envolvidos, seus principais impactos e como se deve atuar quadro como estes criando ações que possam efetivamente auxiliar as pessoas em um

contexto pandêmico. Alguns meses antes do início da pandemia, em Wuhan na China, assim como no restante do mundo, quase ninguém imaginava a crise de saúde pública, econômica e social que se enfrentaria em escala mundial. Entretanto, no final de 2019, quando ainda não se falava em pandemia da COVID-19, o psicólogo canadense Steven Taylor já tratava da possibilidade de uma pandemia, quando escreveu seu livro “The Psychology of Pandemics: Preparing for the Next Global Outbreak of Infectious Disease” (TAYLOR, 2019).

Na obra, o pesquisador com base em dados de pandemias anteriores como aquelas causadas pelo vírus influenza, descreve um amplo panorama das principais questões psicológicas e sociais que deveriam ser consideradas no caso de uma crise pandêmica que evoluísse em todo o planeta. São 12 capítulos onde inclusive este conceitua o que é uma pandemia, formas de dispersão e os impactos possíveis com exemplos de intervenções individuais e sociais/comunitárias para diminuir os agravos a saúde. Numa síntese acerca do trabalho de Taylor, Andrade e Alvarenga (2022) ressaltam que os eventos resultantes inclusive da ansiedade, podem ser minimizados quando existem políticas de saúde para a prevenção de situações de crise de bases emocionais. Uma boa intervenção que seja acessível a toda população pode minimizar o desamparo comum quando as pessoas estão em situação de vulnerabilidade (ANDRADE; ALVARENGA, 2021).

Também é fundamental que se compreenda que assim como as mídias podem auxiliar pessoas que tenham acesso a elas, podem também gerar notícias e até material pseudo educativos na forma de *Fakes News*. Daí a importância de se tornar acessível as pessoas outros tipos de estratégias socioeducacionais que possam ajudar na diminuição das ansiedades e respostas agressivas e violentas resultantes deste tipo de quadro emocional. Souza e colaboradores (2020) descrevem como é importante que todos os profissionais da saúde fiquem atentos a estas mídias e em particular as mais conhecidas, tais como Instagram, Facebook e WhatsApp que podem auxiliar em chamadas sobre ações em que se façam encontros controlados de pessoas em situação de isolamento, assim como formações educacionais voltadas orientações que diminuam as situações que possam agravar ainda mais o isolamento social.

## **B - Hortas como tecnologias sociais? De que tecnologia estamos falando?**

Antes de tudo é importante esclarecer de que tecnologias estamos falando. Cupani (2016) nos mostra que a tecnologia não é uma ‘invenção’ do século XX e XXI. Muito pelo contrário, é algo que sempre fez parte do pensamento e viver humano. E mais, uma tecnologia não se refere necessariamente a um equipamento ou objeto altamente moderno com funções quase mágicas que pode resolver os problemas das pessoas de imediato.

Para o filósofo, a tecnologia faz parte do nosso viver contemporâneo, contudo, o nosso olhar para o que consideramos como tecnologia, ainda é na direção de equipamentos e aparelhos tais como o computador ou um equipamento de alta precisão para a realização de exames e diagnósticos, por exemplo. Raramente pensamos na tecnologia como algo que não seja necessariamente um equipamento ou objeto.

Mas, por que tratar desta questão quando a ideia é organizar hortas em comunidades empobrecidas e isoladas? Nossa forma de ver tecnologia associa muito do que Cupani afirma sobre a existência de diversas modalidades de tecnologias, algumas delas relacionadas ao saber – fazer prático e cotidiano (CUPANI, 2016). Quando se faz um plano de trabalho para organização de hortas, é possível pensá-la como uma tecnologia orientada para a resolução e transformação de pessoas, famílias e comunidades. Nesse sentido, as formações para as hortas podem ser ações que levam a uma tecnologia de caráter social cujo fechamento é: “o uso dos conhecimentos humanos [acadêmicos e não acadêmicos] para elaborar e construir sistemas, processos, objetos e serviços que possam criar soluções que auxiliem as pessoas na gestão do que possuem e do que precisam criar para alcançar empoderamento, autonomia e uma vida de qualidade e bem viver” (ROSA, 2022, p. 17 - 18).

Considerando essa concepção e o que foi realizado para se chegar aos resultados aqui descritos, a tecnologia adotada recebeu a denominação inicial de Educacional na perspectiva de Paulo Freire (1997) com um viés Sociocultural. Entretanto, posteriormente, considerando o que foi construído e o seu uso, os autores passaram a considerá-la uma Tecnologia Socioeducacional.

## PERCURSO METODOLÓGICO

### A – Desenho da Investigação/Extensão

Todas as ações realizadas nasceram de uma prática de extensão associada a uma pesquisa na modalidade participante seguindo as premissas da metodologia comunicativa-crítica que é entendida como um caminho de compreensão e de ação no mundo quando se está em uma comunidade. O percurso compreendeu um estudo cuidadoso da realidade, com um diálogo permanente com as pessoas que vivem no território onde tudo ocorreu. Nesse sentido, a teoria dialógica de Paulo Freire e a teoria da ação comunicativa de Habermas foram as bases das ações investigativas que tornaram possível as ações da extensão ‘Cozinha Cidadã’ (ARAÚJO FILHO, THIOLENT, 2008; MELLO, 2006).

Passando-se ao âmbito operacional em que se uniu pesquisa e extensão, as atividades e

ações foram implementadas sempre considerando a formação de grupos de discussão com as famílias e a equipe de apoio do museu e da fundação cultural. Nesse sentido, o trabalho foi realizado mantendo um diálogo entre todos e as ações foram construídas comunicativamente, considerando três momentos: o estudo do mundo da vida cotidiana segundo o olhar da comunidade; a comunidade a orientar e avaliar as ações (no caso aqui as oficinas e a implementação das hortas em terrenos cedidos pelo poder público principalmente) que foram realizadas considerando suas demandas e necessidades; e por fim, a comunidade participando do processo de avaliação que foi (e continua sendo) contínuo durante todo o trabalho segundo algumas premissas dos estudos de Gómez, La Torre, Sanchez e Flexa (2006) e Mello (2006).

Finalmente, foi fundamental ter a clareza de que os produtos de uma pesquisa associada a uma extensão devem ser utilizados para uma aplicação teórico-prática, com uso e apresentação dos conhecimentos científicos e técnicos gerados, para todos os sujeitos envolvidos. Dessa forma recupera-se o que Paulo Freire (2006a; 2006b) chamava de ‘comunicação entre os sujeitos’ que para ele implicava numa interação equilibrada entre o saber – fazer acadêmico e o não acadêmico.

Considerou-se também neste processo, a importância de compreender cada família e os jovens envolvidos, como sujeitos de seu processo educativo, cada uma destas pessoas com uma história e, portanto, formas próprias de ver e sentir a vida. De maneira complementar, pode-se compreender as atividades nas hortas como ações em um espaço de transformação voltado à experimentação e aprendizagem.

## **B – Atores sociais X Ações**

A partir das premissas aqui explicitadas, o planejamento das ações envolveu a valorização da prática dialógica em que se construiu todo um trabalho de fevereiro de 2020 aos dias atuais, com 60 famílias lideradas por trabalhadoras do turismo e restauração que perderam seus empregos durante a pandemia.

As ações desenvolvidas com estas mulheres e suas famílias compreenderam inicialmente reuniões virtuais em espaços amplos cedidos pela prefeitura e o museu do município. Nestes espaços, usando máscaras e as vezes até roupas protetoras, as mulheres com instrutores virtuais e presenciais iniciaram sua formação. Foram mais de 10 reuniões preparatórias com as equipes da universidade e município e outras pessoas interessadas nas orientações sobre hortas, plantas e preparos culinários e fitoterápicos. Após estes momentos, se fez mais outros 10 encontros presenciais para as ações práticas que envolveram oficinas, rodas de conversas e/ou seminários com um mínimo de 2 e um máximo de 20 horas. Ao todo participaram cerca de 10 profissionais

envolvidos no apoio direto, outros 10 parceiros no apoio indireto e pelo menos 2 a 3 pessoas por família no suporte de organização e implementação das hortas.

Em função da pandemia, inicialmente se evitou o contato direto, cada instrutor e participante e demais pessoas, tinham que ficar distantes seguindo todos os protocolos do Ministério da Saúde, quando foi possível os encontros presenciais. E, até o momento em que as hortas pudessem ter produção, as famílias participantes receberam doações de alimentos, medicamentos e outros produtos, cedidos emergencialmente. Para além destes recursos, a prefeitura disponibilizou internet gratuita em bairros onde as famílias precisavam se comunicar com a equipe do projeto ou com os serviços sociais e de saúde.

### C – Questões éticas

Finalmente, é importante esclarecer que a pesquisa que foi associada ao projeto de extensão, foi conduzida, de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) brasileiro (BRASIL, 2012) que afirma ser fundamental o respeito pela dignidade humana e uma especial proteção aos participantes da pesquisa. Também é importante ter o consentimento de todos os envolvidos, bem como enviar a proposta de pesquisa para avaliação ética. Nesse sentido, o projeto foi enviado para avaliação no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da universidade e aprovado em 10 de novembro de 2020 com parecer número 4.390.913.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A - O lugar: um histórico rápido da situação problema

O município foi criado em 1992, é jovem e fica no litoral norte do estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, com uma área de 34,5 km<sup>2</sup> e população em torno de 22.000 mil habitantes. Sua economia predominante está voltada para o turismo e a gastronomia com foco nas praias. Embora seu índice de desenvolvimento humano seja bastante expressivo, existem problemas sociais e econômicos advindos da falta de oportunidades para sua população jovem (em torno de 33%). Com a pandemia e a diminuição das frentes de trabalho relacionadas com o turismo e a restauração principalmente, alguns grupos familiares, migrantes de outras regiões do Brasil e de outros países vizinhos (Argentina, Uruguai e Paraguai) ficaram muito vulneráveis, aumentando com isto o envolvimento dos jovens com as drogas e situações de violências de distintas naturezas (SILVA, 2019; IBGE, 2019; SILVA *et al*, 2017; CRUZ, 2014).

Considerando esse histórico, a extensão e as ações aqui descritas nascem de um contexto de convivência entre docentes e alunos da universidade com o município desde 2012, em função de projetos de Extensão, Pesquisa e Ensino de distintas graduações. A demanda para que fosse elaborada a proposta “Cozinha Cidadã” no início de 2020, veio como uma solicitação da gestora do Museu Comunitário Engenho do Sertão (MCES) e a presidenta da Fundação Municipal de Cultura, quando percebem os problemas alimentares das famílias desempregadas que moravam no entorno do museu durante a pandemia. Em função do isolamento exigido, a grande questão de todos era: como ficaram as pessoas diante dessa possibilidade do não contato físico e social e confinamento em uma versão familiar de ‘prisão domiciliar’ que poucas pessoas não estavam preparadas para viver?

É fundamental pensar que no Brasil temos uma população de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica (pobres e/ou miseráveis) que ultrapassam os 66 milhões de brasileiros. Essas pessoas, uma parte significativa, perdeu seus empregos ou passaram a sair de casa em uma situação de medo, muitas vezes não conseguindo trabalhar de fato em função do próprio terror de chegar próximo das pessoas que os rodeavam. Também ficou visível que essas pessoas ao saírem de suas casas para trabalhar, aumentaram para si e familiares, o risco de infecção e transmissão do novo coronavírus (OLIVEIRA, FIRMO, BEZERRA, LEITE, 2020).

Considerando este quadro, aqui apresentado de forma resumida, é que os participantes dessa proposta, foram percebendo que para além da doença considerada letal para quem não tem proteção contra ela, se teve ainda as ‘sequelas’ sociais do afastamento das pessoas de um convívio mínimo de aproximação. O ‘Cozinha Cidadã’ nesse sentido com suas hortas sociais e o acompanhamento de pesquisadores, profissionais do serviço público (da cultura, saúde e turismo), voluntários e informantes, apresenta os benefícios de natureza alimentar e socioemocional dessas hortas no momento pandêmico. Mas, muito mais do que isso, como está descrito nos resultados, mostra a esperança em construir algo novo que possa também gerar renda para as famílias depauperadas financeiramente.

## **B - O contexto norteador e as premissas das ações realizadas**

Muito mais do que uma doença infecciosa, as pandemias envolvem problemas emocionais e alguma desordem social. Diante dos riscos possíveis, o isolamento e/ou distanciamento social imposto, acarreta o rompimento de rotinas individuais e familiares e pode levar a crises no sistema produtivo e econômico. A organização de hortas e outras atividades podem ser imprescindíveis. E mais, é importante que avaliemos a questão também da falta de



alimentos e outros itens básicos para a sobrevivência, associada a perda de pessoas queridas pela doença, tudo isso pode ser traumatizante. Para Taylor (2019, p. 2) “o impacto emocional de não poder estabelecer contatos inclusive para o sepultamento dessas pessoas diante dos riscos de infecção, pode agravar ainda mais os problemas de caráter socioemocional”.

Se, uma dada comunidade, encontra formas de diminuir estes impactos, pode a médio e longo prazo diminuir os custos econômicos, sociais e emocionais de agravos a saúde. Ainda que o uso das mídias sociais tenham sido apontadas nos estudos de Primo (2020) como importantes formas de diminuir o entristecimento e problemas emocionais verificados durante o isolamento social, é importante que se diga que as mídias não são acessíveis para todas as pessoas, visto que algumas famílias não têm sequer como comprar pão para prover sua família com uma alimentação básica que é o café da manhã.

Considerando os aspectos aqui apresentados é que se viu através das ações realizadas uma possibilidade de também demonstrar como o trabalho em hortas sociais pode funcionar como uma estratégia e instrumento tecnológico social e educacional de apoio alimentar e socioemocional. Para tornar viável a proposta no momento da pandemia, as dinâmicas básicas ocorreram com regras de segurança rígidas, para quem aceitou trabalhar e acompanhar de forma voluntária as capacitações e discussões virtuais e presenciais de implantação das hortas. Considerando o exposto, as premissas que nortearam todas as ações foram:

Premissa 1 - ‘O isolamento social provocado pela COVID-19, em uma cidade que vive do turismo e do envolvimento das pessoas em múltiplas atividades que resultam em contatos com vários grupos de residentes e visitantes, pode trazer sequelas físicas, sociais e emocionais que exige que façamos em parceria com as instituições públicas e privadas a fim de criar estratégias e redes de apoio para o enfrentamento dos agravos de natureza alimentar e socioemocional das pessoas que ali residem’.

Premissa 2 - ‘As hortas sociais idealizadas pelo projeto ‘Cozinha Cidadã’ trará as pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar e socioemocional, uma perspectiva de trocas solidárias e apoio em um momento que estão desempregadas, sem alimento e isoladas, portanto, as hortas tornam-se tecnologias e arranjos produtivos para o enfrentamento de agravos sociais e econômicos durante a pandemia’.

### **C - As tipologias das hortas adotadas no Cozinha Cidadã**

A realização de atividades que pudessem ser alternativas e auxiliares as ansiedades ocasionadas pelo isolamento social durante a COVID-19 ganharam espaço nas rodas de conversas que se fizeram inicialmente de forma virtual de 2020 a 2021 no projeto ‘Cozinha Cidadã’. A

proposta se voltou para a organização e implementação de hortas que pudessem melhorar as condições alimentares das pessoas desempregadas. Além do alimento, a ideia era ao mesmo tempo, criar perspectivas de trabalho e renda a médio e longo prazo para as famílias em situação de vulnerabilidade econômica. Durante a pandemia e o total isolamento social, os participantes da proposta fizeram uso das mídias sociais para encontros onde pudessem discutir e refletir sobre os agravos econômicos [que diminuía a comida em casa] e os socioemocionais [que aumentava o índice de violências e outros problemas no seio da família] (SILVA, 2019).

No início do projeto alguns dos muitos dilemas e questionamentos era: como se organiza uma horta de forma virtual sem que as pessoas não se vejam, não se toquem ou troquem informações cara-a-cara? Bem, foi possível se efetivar as capacitações sim e apesar de não se chegar à meta almejada que era a implantação de pelo menos 10 hortas ao longo dos anos de 2020 e 2021, se conseguiu implantar quatro hortas: duas de caráter comunitário e duas de caráter social, que muitos colegas nesse momento chamam de social terapêutica. Bem, mas, que nomes são estes que são dados as hortas? Existem diferenças entre elas?

As hortas em cidades urbanas se enquadram no que se denomina de ‘agricultura urbana’ e estas por sua vez são atividades praticadas dentro (intraurbana) ou na periferia (periurbana) dos centros urbanos, onde pessoas podem cultivar, produzir, criar, processar e distribuir uma diversidade de produtos alimentares e também não alimentares, com recursos humanos e materiais, produtos e serviços que estão próximos ou dentro da área onde inclusive se distribuem os produtos gerados destas hortas (SOUZA, 2015).

As hortas urbanas do ponto de vista territorial podem ser privadas (no quintal da família), sociais e/ou terapêuticas (organizadas principalmente pelo poder público e cuidada por funcionários contratados), comunitárias (organizadas pela população em espaços públicos ou cedidos por entidades privadas para cultivo, uso e distribuição de alimentos de forma coletiva) e pedagógicas (para ensino). Esta tipologia de hortas, utilizada como uma forma de explicar o uso das hortas tem finalidades que podem ultrapassar a questão econômica relacionada a comercialização para consumo alimentar. O Desenvolvimento Social [pensando na produção local], a Educação Ambiental, a Segurança Alimentar, Lazer, Farmácia Caseira e Trabalho/Renda com diminuição da pobreza, tem sido discutidos em estudos clássicos como as razões para se organizar hortas urbanas (LIN *et al*, 2015).

A FAO (2012) descreve três principais dimensões políticas da agricultura urbana: social, ecológica e econômica. Para essa organização os benefícios e a importância social, econômica e

ambiental das hortas urbanas se estendem a toda humanidade. Também é possível verificar que os principais benefícios sociais são os vínculos afetivos e solidários que se formam ampliando a organização política e social da comunidade. Também possibilita a oferta e capacitação para autogestão com ênfase na economia solidária voltada a obtenção de alimentos frescos e de qualidade. Quanto aos benefícios econômicos, observa-se a possibilidade de se obter renda direta proveniente da comercialização dos produtos, renda indireta proveniente da economia de recursos financeiros, uma vez que não será necessário realizar compras desses produtos em feiras e mercados.

Com este olhar e perspectiva é que o ‘Cozinha Cidadã’ foi o carro mestre da organização e implementação das hortas sociais aqui descritas. Para além da ideia da horta como social, também se pensou nas hortas com uma abrangência também terapêutica. Dos vários benefícios percebidos pelos utilizadores das hortas destacam-se os relativos à ocupação de tempo e relaxamento e a produção de alimentos que foram considerados como sendo mais saudáveis. Estes benefícios evidenciaram a relação entre atuar em hortas e o aumento de bem-estar e prazer. A prática do exercício físico e a socialização também foram percebidos como benefícios pelos utilizadores das hortas. Todas essas ações, são formas alternativas para atender as pessoas em situação de ansiedade, stress e sofrimento emocional e como afirmam Sousa de Oliveira e Caetano (2021), são formas de reinventar o cuidado cotidiano as pessoas com as quais se convive.

Esta reinvenção do modo de se fazer uso das hortas podem ser enquadradas como Tecnologias Sociais e/ou Educacionais. Este tipo de tecnologia se destaca como sendo aquela que se utiliza de algo já existente para de forma inovadora e comunitária dar novas finalidades e usos a algo já conhecido pelas pessoas de um dado território. Trata-se de uma experiência de organização social autogestora, horizontal e comunitária. As estratégias de comunicação são prioritárias e centrais para que se garantam a finalidade ‘primeira’ do objeto ou ação (a horta) e ao mesmo tempo observar, coletar e escrever as finalidades a mais que surgem por força de uma necessidade ou condição. A participação da comunidade é fator preponderante para que se ‘construa’ uma tecnologia que possa ao mesmo tempo ser de todos [por isso é social] e também comunitária com fim educacional [porque orienta, ensina e discute o que é melhor para todos] (BARROSO, 2020).

O interessante de se olhar as hortas como uma tecnologia social que também pode ser educacional, é que, em uma cidade turística, esta pode ser uma forma de estimular o cultivo de hortas para a geração de empregos e produção de verduras e hortaliças para consumo sustentável

e saudável em restaurantes, hotéis e pousadas. Com esse pensamento, embora as etapas iniciais do ‘Cozinha Cidadã’ tenha sido alimentar as famílias vulneráveis, na entrada de 2022, as formações e o uso das hortas se ampliaram e se colocaram na perspectiva de alavancar pequenos negócios voltados para o comércio de alimentos orgânicos a serem ofertados aos donos de pequenos comércio de alimentos, feiras livres, pousadas, restaurantes e hotéis.

Para além do alimento proporcionado, surgiram outros produtos como frutos dos encontros virtuais e presenciais para organização e implementação das hortas. Entre estes tivemos a elaboração de cartilhas que serviram de suporte as famílias que iniciaram a proposta e aquelas que no decorrer das ações foram se integrando gradativamente. Estas cartilhas criadas em rodas de conversas e oficinas, apresentam os principais temas integradores dos trabalhos realizados e é fruto dos ‘saberes’ e ‘fazeres’ acadêmicos e leigos. As cartilhas foram organizadas com conhecimentos acadêmico-científicos, mas que unem estes conhecimentos com distintos saberes e fazeres leigos relativo às plantas como fonte culinária, aromática e terapêuticas.

## CONCLUSÕES

A questão que se colocou nesse artigo foi uma das possíveis soluções para o que de mais grave estava ocorrendo em uma cidade litorânea cujas bases econômicas é o turismo: a fome e o desespero de quem não tinha emprego, salário e até mesmo economias para suportar o isolamento em suas casas. Nunca é demais lembrar que o turismo é uma das atividades econômicas que mais gera riquezas no mundo, porém, seu desenvolvimento gera também impactos nas comunidades locais sendo cada vez mais necessário repensar as atividades turísticas, de modo que se possa pensar não apenas no lado empresarial de obtenção de lucros. É preciso que se perceba o potencial de inclusão social dessa atividade, imprimindo ações que se voltem para o desenvolvimento local e a busca da qualidade de vida das comunidades que estão a receber turistas bem como de seus trabalhadores. No momento da pandemia, quando faltaram turistas, em muitos lugares do mundo, os trabalhadores do turismo e da restauração ficaram desamparados.

Nesse sentido o projeto ‘Cozinha Cidadã’ associado a uma pesquisa que depois resultou em uma dissertação na área da saúde, trouxe para as pessoas a possibilidade de em um curto prazo obter alguns alimentos básicos para suas refeições e ao mesmo tempo, um espaço de aprendizagem ligado a possibilidade de terem autonomia com relação aos alimentos que podem obter pelo cultivo familiar (em casa), social (em um espaço público como uma escola, por exemplo) e/ou comunitário (em um terreno privado ou público, cedido para que famílias possam cultivar coletivamente seus

alimentos). O projeto também, para além das ações de extensão e mesmo a coleta de dados para a pesquisa, colocou na vidas das pessoas (e em particular das mulheres) no final do momento de total isolamento, questionamentos sobre a condição de trabalhadora atrelada a uma empresa que lhe abandona sem dinheiro em um momento tão crucial. A perspectiva de mudar este quadro e inclusive se ver como alguém que pode ser além de uma empregada, ser também uma fornecedora de alimentos para restaurantes, hotéis, pousadas, quiosques, ou ainda ser uma formadora em encontros culinários da comunidade ofertados para residentes e visitantes.

As autoras entendem que embora as plantas cultivadas nas hortas sociais não sejam produzidas ainda em grande escala comercial semelhante a prática do agronegócio, podem, de forma coletiva ser cultivadas nos quintais em pequenas hortas, de modo que qualquer negócio a ser montado envolva não apenas uma única família, mas, várias famílias empreendendo juntas. E mais do que um negócio, as famílias através do cultivo coletivo orgânico, conseguem a médio prazo entender que esse modo de cultivo favorece a conservação da biodiversidade e da alimentação saudável e sustentável. Trabalhar com este olhar é favorecer a saúde dos humanos e do planeta, com contribuição para a harmonizando e interação entre diferentes espécies.

Para isto, é importante que se elaborem políticas públicas voltadas ao manuseio e utilização adequada dos alimentos cultivados, contribuindo para a garantia da soberania alimentar de muitas comunidades como bem preconizam algumas das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da agenda 2030 da ONU. Para que de fato as ações possam gerar soluções e impactos positivos para todos, os empreendedores do turismo e da restauração, bem como o poder público, devem ser envolvidos de modo que juntos possam trabalhar por resultados que gerem soluções para os períodos com e sem fluxo turístico. Pensar sobre estas questões é trabalhar por um mundo mais ético, sustentável e justo para todos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO FILHO, T. & THIOLENT, M. J. M. **Metodologia para Projetos de Extensão: Apresentação e Discussão**. São Paulo: Cubo Multimídia, 2008.
- AZAMBUJA, R. S. de. Medicina integrativa e a biopolítica da pandemia. **In: Anais do 2o. Seminário Internacional de Economia Política da Saúde**. 2020. Disponível em: <https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/1050> .
- BARROSO, B. **Uso de dados no setor social: aprendizados na pandemia e caminhos para a interoperabilidade**. GIFE, 2020. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/uso-de-dados-no-setor-social-aprendizados-na-pandemia-e-caminhos-para-a-interoperabilidade> .
- BRASIL. **Resolução 466 do CNS**. Dispõe de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

- BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)
- CRUZ, H. S. B. **Patrimônio cultural e turismo: uma experiência etnográfica de saberes e fazeres alimentares de Bombinhas/SC.** 183f. 2014. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria). Universidade do Vale do Itajaí: Balneário Camboriú, 2014. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Hellany%20Sant%20Anna%20Brum%20Cruz.pdf>
- CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia: um convite.** UFSC: Florianópolis, 2016.
- DULIUS, G. T.; SUDBRACK, A. W. & SILVEIRA, L. M. de O. B. Aumento da violência intrafamiliar e os fatores associados durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa de literatura. **Revista Saúde em Redes**, 7(supl. 1), 1 – 10, 2021. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3381/613>.
- FAO. **Criar Cidades Mais Verdes. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura** (FAO). Roma/Brasília: FAO. 2012. Disponível em: <https://www.fao.org/3/i1610p/i1610p00.pdf> .
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006 a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006 b.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GÓMEZ, J.; LA TORRE, A.; SANCHEZ, M. & FLECHA, R. **Metodologia Comunicativa Crítica.** Barcelona: Ed. El Roure, 2006.
- IBGE. **Estimativa populacional 2019 IBGE.** 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/bombinhas/panorama>.
- LIN, B.B.; PHILPOTT, S.M. & JHA, S. The Future of Urban Agriculture and Biodiversity-Ecosystem Services: Challenges and Next Steps. **Basic and Applied Ecology**, v.16, p.189-201, 2015. Disponível em: <https://www.sciarp.org/%28S%28vtj3fa45qm1ean45vvffcz55%29%29/reference/referencespapers.aspx?referenceid=1524960>
- LODY, R. G. da M. **Brasil bom de boca: temas da antropologia da alimentação.** São Paulo: Senac, 2008.
- MELLO, R. R. Metodologia de investigação comunicativa: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola com e para todas e todos. In: **ANPED. 29 a. Reunião Annual da ANPED.** 2006. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT03-2096--Res.pdf>.
- MONTANARI, M. **Comida como cultura.** São Paulo: Senac, 2008.
- OLIVEIRA, D. S.; FIRMO, A. C.; BEZERRA, I. C. & LEITE, J. H. C. COVID - 19: do enfrentamento ao fortalecimento de estratégias em saúde mental - Revisão narrativa. **Health Residencies Journal - HRJ**, v.1, n. 4, p. 41-61, 2020. Disponível em: <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/34>.
- OLIVEIRA, G. B. DE; CALVO, P. A.N & CASTRO, P. G. de. (2018). Horticultura Urbana. **Boletim de Inovação e Sustentabilidade**, v.1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/bisus2018-vol1-horticultura-urbana.pdf> .
- ONU/BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> .
- PEREIRA, D. C. et al. Oficina de culinária como estratégia de intervenção da Terapia Ocupacional com adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Cad. Ter. Ocup.**, v. 22, n. 3, p. 621-626, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/cto.2014.084>

- PRIMO, A. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. **Comunicação & Inovação**, v.21, n. 47, p. 176-198, 2020. Disponível em: [https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/7283/3187](https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7283/3187) .
- ROSA, S. A. **Plantas alimentícias não convencionais e convencionais: tecnologias e produtos tecnológicos em uma comunidade do litoral catarinense**. 155f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho). Universidade do Vale do Itajaí / Escola de Ciências da Saúde. Itajaí: UNIVALI, 2022. (Impresso).
- SILVA, Y. F. e. Cozinha Cidadã: hortas dos afetos terapêuticos, aromáticos e culinários. Coordenação de Projetos e Programas de Extensão – Edital N. 033 / FUNDAÇÃO/2019. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2019. Informações disponível em: <https://www.univali.br/institucional/vreac/extensao/projeto-de-extensao/escola-de-artes-comunicacao-e-hospitalidade/Paginas/default.aspx> .
- SILVA, Y. F. e *et al.* **Diário de memórias: Museu Comunitário Engenho do Sertão**. Florianópolis: Infinita Leitura, 2017.
- SILVA, C. R. & FREITAS, H. I. Adolescentes em situação de vulnerabilidade: estratégias de terapia ocupacional em um trabalho de prevenção à Aids. **Cad. Ter. Ocup**, v.11, n. 2, p. 111-117, 2003. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/197/152> .
- SOARES, A. N. & REINALDO, A. M. S. Oficinas terapêuticas para hábito de vida saudável: um relato de experiência. **Revista de Enfermagem**, v.14, n.2, p. 391-398, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000200025>
- SOUSA DE OLIVEIRA, D. & CAETANO, G. L. N. Residência multiprofissional em saúde mental do adulto: modos de reinventar as práticas no contexto da pandemia causada pela Covid-19. **Health Residencies Journal - HRJ**, v.2, n. 11, p. 42-61, 2021. Disponível em: <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/135> .
- SOUZA, T. dos S. de. *et al.* Mídias sociais e educação em saúde: o combate às Fakes News na pandemia pela COVID-19. **Enferm. Foco**, v.11, n. 1, p.124-130, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/yolanda%20flores/Downloads/3579-21259-1-PB.pdf> .
- SOUZA, D. C. M. de. **Hortas Urbanas no concelho do Porto: Tipologias e Padrões Territoriais**. 2015, 87f. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação Geográfica e Ordenamento do Território). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/82018/2/37745.pdf>
- TAYLOR, S. **The Psychology of Pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2019. Disponível em: <https://www.cambridgescholars.com/resources/pdfs/978-1-5275-3959-4-sample.pdf> .
- ZORZETTO, R. Uma doença assustadora. **Pesquisa FAPESP**, v.291, n. 3, p. 21-24, 2020. Disponível em: [www.revistapesquisa/fapesp.br](http://www.revistapesquisa/fapesp.br) .